



Nahima Maciel

Projeto que começou com a ideia de pesquisar o mal de Alzheimer, a peça *Kintsugi, 100 memórias* celebra os 40 anos da companhia Lume Teatro e está em cartaz no teatro do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) até domingo. “A gente queria falar sobre o esquecimento”, explica Raquel Scotti Hirson, atriz brasileira que faz parte do grupo. “A memória sempre percorreu muito nossa pesquisa e espetáculos, e queríamos falar sobre a perda da memória.”

A leitura de um artigo sobre uma comunidade na Colômbia na qual 12% da população sofre de um tipo raro de Alzheimer

Uma história de memórias

Espectáculo da Lume Teatro explora narrativa baseada na importância das lembranças

chamou a atenção de uma das atrizes da companhia. No vilarejo de Angostura, por uma mutação genética, o índice da doença é altíssimo e a particularidade estava no fato de acometer pessoas muito jovens, com 30 anos em média. “E com 50, essas

pessoas morrem”, conta Raquel. “Ficamos muito curiosos, fomos conhecer o local e fizemos várias pesquisas com esse mote.”

A companhia convidou então o diretor argentino Emilio García Wehbi para dirigir o espetáculo e ele trouxe uma nova camada. “Ele quis falar da memória da pesquisa e juntar com outras materialidades que dizem respeito ao grupo. E ele falou uma coisa muito bonita: a doença de Alzheimer é uma patologia

sobre a qual a gente não tem controle, mas, no caso de uma memória como a social, muitas vezes ela é projetada”, explica a atriz.

Kintsugi, 100 memórias foi ao palco pela primeira vez em 2018, período em que o Brasil passava escolha um presidente de extrema direita e questionava a própria história. O momento também inspirou a companhia a refletir sobre a importância da memória para um país. “Foi um momento de virada no país, no qual ficava muito claro que havia um interesse no esquecimento, com uma falta de memória projetada. E a gente queria tratar dessa falta de memória como patologia, mas com tudo que está ao redor”, lembra a atriz.

Assim, a peça tem uma dramaturgia costurada com histórias da própria companhia mescladas às trajetórias pessoais dos atores. “A gente fala muito de ruptura, porque todos os níveis da memória, pessoais, de grupo e social trazem também momentos de quebras e rupturas. E queríamos falar sobre como você se refaz das rupturas e como elas nos deixam mais fortes e nos compõem como seres humanos, por isso a metáfora do kintsugi”, explica Raquel, ao lembrar da técnica japonesa do século 15 de remendar a cerâmicas quebradas com laca e pó de ouro. “A cerâmica reconstituída tem mais valor do que o original. A gente usa essa metáfora para falar das cicatrizes ao longo da vida”, avisa.

Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini, Ana Cristina Colla e Jesser de Souza dividem o palco dividem o palco em *Kintsugi, 100 memórias*

SERVIÇO

Kintsugi, 100 memórias

Com a Lume Teatro. Hoje, às 20h, e domingo, às 18h, no Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB - SCES Trecho 2 Lote 22). Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos

FOTOS: TINA COELHO

